

mundo@grupoatarde.com.br

EUA fazem nota em resposta ao Brasil

DA REDACÇÃO

O governo dos EUA está preparando um posicionamento oficial sobre a reação do Brasil ao tratamento dado aos brasileiros deportados por tentativa de imigração ilegal. Segundo a colunista Andreza Matais, do Uol, a nota está em fase de redação e será divulgada em breve.

A movimentação ocorre após o Ministério da Justiça brasileiro emitir um comunicado destacando que a situação foi informada ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que determinou mudanças no transporte dos deportados. O trajeto entre Manaus e Minas Gerais será realizado em aeronaves da Força Aérea Brasileira (FAB), substituindo o transporte inicial feito em aviões norte-americanos.

O comunicado brasileiro também enfatizou que "a dignidade da pessoa humana é um princípio basilar da Constituição Federal e um dos pilares do Estado Democrático de Direito, configurando valores inegociáveis". A nota, no entanto, evitou menções diretas ao presidente dos EUA Donald Trump, que liderava o governo durante os relatos de maus-tratos.

Os brasileiros deportados relataram episódios de maus-tratos, incluindo o uso de algemas e correntes durante sua chegada ao território brasileiro, em Manaus. A situação gerou críticas e reacendeu o debate sobre o tratamento de imigrantes pelos EUA.

Os Estados Unidos são o segundo maior parceiro comercial do Brasil, e um confronto direto com o governo norte-americano, especialmente durante a gestão de Trump, poderia afetar os exportadores brasileiros. Assim, a postura mais contida do governo brasileiro reflete uma tentativa de equilibrar as relações diplomáticas e comerciais, ao mesmo tempo em que busca proteger os interesses de seus cidadãos.

Presidente Lula determinou mudanças no transporte dos deportados

Trump começou a revanche tarifária

**SHAUN TANDON E
DAVID SALAZAR**
France Presse, Washington e
Bogotá

O presidente dos EUA, Donald Trump, ordenou ontem tarifas e sanções abrangentes contra a Colômbia em retaliação à recusa do país em aceitar voos de deportação, enquanto Bogotá respondeu na mesma moeda com uma taxa de 25% sobre produtos dos EUA.

Trump, de volta ao poder há menos de uma semana e irritado depois que o presidente Gustavo Petro disse que havia recusado aviões militares dos EUA transportando imigrantes, começou a revanche tarifária dizendo que imporia 25% sobre produtos colombianos, que aumentaria para 50% em uma semana.

Sua autoridade para fazê-lo não estava clara, já que a Colômbia, historicamente um dos aliados mais próximos de Washington na América Latina, desfrutava de um acordo de livre comércio com os Estados Unidos.

Trump também disse que revogaria imediatamente os vistos de autoridades do governo colombiano e "apoia-dores" do presidente Gustavo Petro — e sujeitaria os colombianos a um maior escrutínio nas fronteiras.

"Essas medidas são apenas o começo. Não permitiríamos que o governo colombiano viole suas obrigações legais com relação à aceitação e ao retorno dos criminosos que eles forçaram a entrar nos Estados Unidos!", escreveu Trump em sua plataforma Truth Social.

Para não ficar para trás, Petro, escrevendo no X, disse que havia instruído seu ministro de Comércio Exterior "a aumentar as tarifas sobre importações dos EUA para 25%".

Trump assumiu o cargo com a promessa de prender e deportar rapidamente estrangeiros ilegalmente nos Estados Unidos, mas enfrentou resistência de Petro, eleito em 2022 como o primeiro líder de esquerda da quarta maior economia da América Latina.

"Os Estados Unidos não podem tratar os migrantes colombianos como criminosos. Proíbo a entrada em nosso território de aviões america-

nos transportando migrantes colombianos", escreveu Petro anteriormente no X

Em uma postagem posterior, ele disse que havia "rechaçado aviões militares dos EUA". Trump disse que dois aviões dos EUA não tinham permissão para pousar.

O governo colombiano disse que estava pronto para enviar seu avião presidencial aos Estados Unidos para transportar "com dignidade" os migrantes cujos voos foram bloqueados por Bogotá.

Petro também disse que estava pronto para permitir que voos civis dos EUA transportando migrantes deportados pousassem, desde que aqueles a bordo não fossem tratados "como criminosos".

Em um comunicado, o secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, disse que Petro havia autorizado os voos, mas depois "cancelou sua autorização quando os aviões estiverem no ar".

Enquanto isso, o líder colombiano disse que mais de 15.600 americanos indocumentados estavam vivendo em seu país e os instou a "regularizar sua situação".

ao mesmo tempo em que descartou operações para prendê-los e deportá-los.

A viagem acontece dias antes de Rubio visitar a América Latina — mas não a Colômbia — em sua primeira viagem como alto diplomata dos EUA.

"Mãos e pés amarrados"
As ameaças de deportação de Trump o colocaram em rota de colisão potencial com governos da América Latina, o lar original da maioria dos cerca de 11 milhões de migrantes indocumentados dos Estados Unidos.

O governo da Colômbia disse que quer transportar "com dignidade" os migrantes colombianos

O Brasil, que também é liderado por um presidente de esquerda, manifestou indignação com o tratamento dado pelo governo Trump a dezenas de migrantes brasileiros deportados de volta ao país na sexta-feira.

Os migrantes, que foram deportados sob um acordo bilateral anterior ao retorno de Trump, foram algemados no voo, no que o Brasil chamou de "flagrante desrespeito" aos seus direitos básicos.

Edgar Da Silva Moura, um técnico de informática de 31 anos que estava entre os 88 migrantes deportados, disse à AFP: "No avião não nos deram água, estávamos amarrados de pés e mãos, não nos deixaram nem ir ao banheiro".

Vários voos de deportação desde o retorno de Trump ao cargo atraíram a atenção do público e da mídia, embora tais ações também fossem comuns em administrações anteriores.

No entanto, rompendo com práticas anteriores, o governo Trump começou a

usar aeronaves militares para alguns voos de repatriação, com pelo menos um pouso na Guatemala esta semana

Vários países latino-americanos prometeram receber de braços abertos os cidadãos de volta, muitos dos quais vivem e trabalham nos Estados Unidos há anos.

O governo mexicano disse que planeja abrir nove abrigos para seus cidadãos e mais três para estrangeiros deportados, sob um esquema chamado "O México abraça você".

A presidente Claudia Sheinbaum disse que o governo também forneceria assistência humanitária aos migrantes deportados de outros países antes de repatriá-los.

Honduras, um país da América Central que também é uma grande fonte de migrantes para os Estados Unidos, disse que estava lançando um programa para retornados intitulado "Irmão, volte para casa", que incluía um pagamento de "solidariedade", alimentação e acesso a oportunidades de emprego.

[illegible]